

O Galato

Visado pela Censura do Porto OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES Ano V - N.º 127 Preço 1\$00

Redação, Administração e Propriedária — Casa do Galato | Director e Editor: — Padre Américo | Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto PAÇO DE SOUSA | 8 de Janeiro de 1949 | Vales do Correio para CETE

“PADRES DA RUA” nome comum dos que servem a Obra, são sacerdotes seculares, que por livre vontade e licença superior, queiram vir e dar-se totalmente à Obra.

A sua regra é o Evangelho, meditado e praticado na vida íntima e também na de relação com o seu semelhante.

Não usam habito. Não fazem votos. Não teem residência. São pobres, Pobres por devoção. Devem ser firmes e resistir com toda a confiança à tentação do «peculio» quer ela venha de dentro quer de fora. Não se pode mentir ao Espírito Santo como outros fizeram aos pés dos apóstolos, e pereceram!

Pobresa heroica e dolorosa amada por amor da pobresa de Cristo Jesus Nosso Senhor, de cuja fidelidade depende a suficiência perene das coisas necessárias à vida quer na doença, quer na velhice. Duvidar é recuar.

Os Padres da Rua são dentro da Obra o toque espiritual das almas que lhes estão confiadas. Eles são por natureza o pai de famílias, o homem afilto, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a Morte.

Não se molestem e sofram com paciência até ao fim, a ingratidão dos a quem servem. E' o sal. E' a recompensa divina. Eles são servos de Deus. Por estas dores, chega-se mais depressa à contemplação do Homem das Dóres que levou a vida mortal a servir. Assim como Ele, — também os Padres da Rua.

Até aqui os servidores; agora a Obra.

A Obra da Rua é o amparo total da Crença Abandonada. Ela prefere os mais repelentes. Os mais difíceis. Os sem família. A Obra nasceu com este espírito e assim tem de continuar, para ser através dos tempos uma coisa nova. Que ninguém jámais deturpe. No dia em que por desgraça se viesse a receber a crença com dote por uma que o não tem; ou a crença bem comportada por uma que o não é — nesse dia, entrava a maldição de Deus no seio da Obra. Era a decadência.

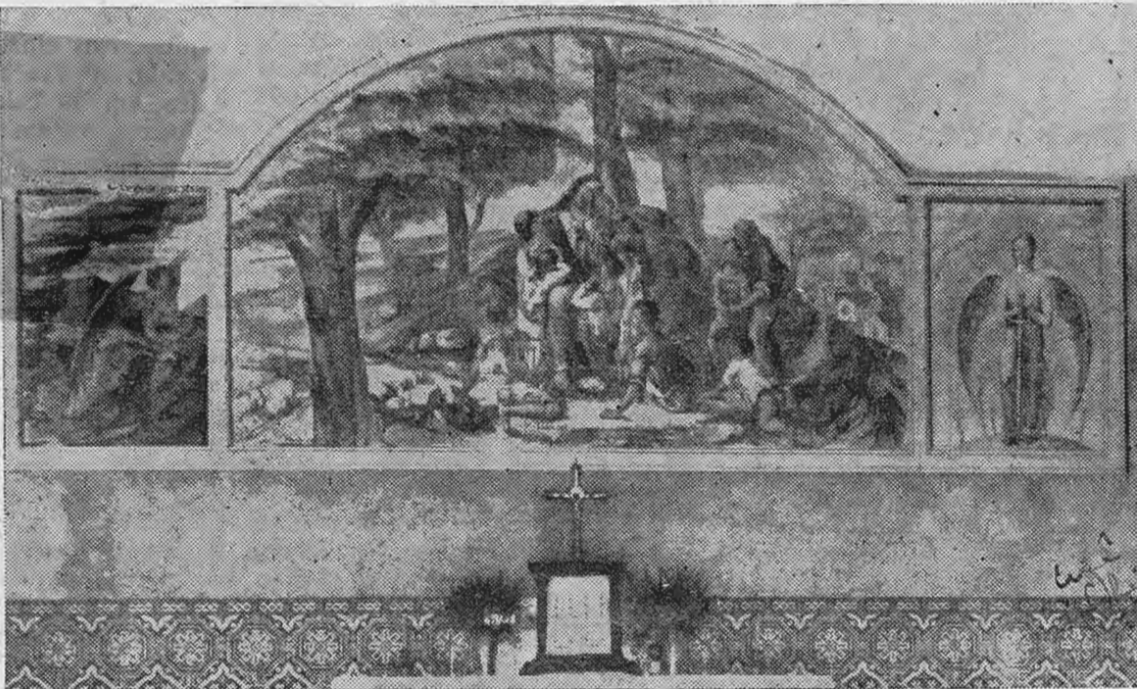
O padrão da Obra, é a família. Quanto mais fidelidade a estas normas, mais rendimento. Não há sistemas. Há a intuição.

O uso de castigos corporais onde não possa ser totalmente banido, seja escrupulosamente aplicado. Vale mais a palavra amiga, conveniente e oportuna.

A justiça é a primeira arma de combate aos vícios, às quedas e más inclinações do rapaz. Ela persuade, encoraja, dá brío. E' uma fonte de alegria. Por isso, o que preside, tem de se munir d'esta arma para todos os casos, ainda os mais insignificantes, sabendo que quanto mais tenra for a idade, mais viva é na crença a noção de justiça.

A vida religiosa, nas nossas Comunidades, seja o centro. As grandes aflições dos Padres da Rua, tenham aqui a sua origem. «Vale mais a alma do que o corpo». Por ela, pela alma dos rapazes, sangrem os Padres da Rua.

A nossa capela. A missa dominical. O ensino da doutrina cristã. A prática das orações cotidianas. A presença de um padre espiritual.



Os sacramentos. — Pôr-lhes a mesa. Chamá-los ao banquete e chorar, se eles não quizerem. Chorar os nossos pecados.

A vida de trabalho, deve seguir a par. O trabalho é uma benção do Senhor. Um dia de trabalho, corresponde a uma noite tranquila e sã.

Cada rapaz tenha a sua obrigação e seja chamado a contas por ela.

Que nunca se ocupe o estranho nos trabalhos que possam ser feitos por eles. A iniciativa.

O MEU TESTAMENTO

O interesse. A personalidade; — tudo procede desta fórmula: *Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes.*

O trabalho d'eles, feito por mão d'eles, querido por eles, é, ainda, a extinção lenta e sólida dos defeitos morais que os afligem.

A tendencia da Obra, é que sejam rapazes os seus próprios continuadores, por isso mesmo, escolha-se entre eles o mais avisado e dê-se-lhe preparação.

O fundamento da *Obra da Rua*, é a sua pobresa. Os Padres da Obra, são mendicantes. Padres pobres ao serviço de uma obra pobre.

Sempre que fôr necessário, saiam a mendigar de porta em porta e recebam por amor de Deus tanto o sim como o não. Também com licença dos Bispos, vão pelas igrejas e apresentem-se ousadamente como padres «sem oiro nem prata»; sabendo que a eficácia destas palavras, que faz estremecer as almas, provém, não d'elas, mas sim da total concordância, entre o que dizem e o que realmente são.

E' proibido aceitar heranças. Não se deixem levar pelo falso raciocínio de que tendo mais,

podem fazer melhor, no caso de uma herança. Não é verdade. E' a carne a falar. Rejeite-se aquele pensamento por um acto de fé. Rejeitem-se as doações por um acto de fé. Alargar mais. Trabalhar melhor. Conquistar tudo e todos por um acto de fé. As obras de Deus vivem de fé.

Sabemos que pelas riquezas viria também a cobiça. Acabariam na Obra os «Pelicanos» e entravam os administradores dos bens. E' a «traça».

A tendencia da Obra é que todas as casas gozem de uma racional independencia e, quanto possível, se bastem. Porém, jámais a multiplicação, venha nunca a prejudicar a sua Unidade.

* * *

Não é preciso dizer; sabe-se que este documento audacioso jámais poderia ser dado à estampa, sem primeiro ter passado pelas mãos de Hierarquia. Hierarquia da Igreja. Ela é o caminho da Fonte. Por outros que se vá, não se vai à Fonte.

Este foi o erro de Lutero. Fugiu da Mãe. Quiz fazer contas sozinho e enganou-se. Fugiu da Mãe! Em vez de reformar a Igreja, formou grupos de gente.

Há três séculos que a Humanidade chora por um só Pastor. Que força a da Europa se ela fosse um só rebanho! Há três séculos que a Humanidade deplora!

O meu testamento é uma afirmação do Eterno. Um desafio à Pobreza. Um convite à meditação sacerdotal: — A desgraça e a maldição das riquezas feitas e tiradas do altar!

Mas a nossa audacia é sem limites, tal com a confiança; os *Padres da Rua* não são religiosos no sentido canónico da palavra. Não gozam de privilegios nem isenções. A vida d'eles é o mergulho total, o desprendimento absoluto, o desejo de ser pobre e de sofrer a Pobreza.

Dir-se-ia que estamos na presença de um sonhador de lindas falas; mas não: O meu testamento tem o *ande lá* da Hierarquia. As suas raízes, mergulham no Evangelho. Tem uma obra já realizada. Por ela, pela *Obra da Rua*, estão-se realizando milagres da Graça. Por ela vem afirmando, mais do que a existência, presença de Deus Vivo no meio do Seu povo Milagres. Milagres que Cristo Jesus não deixou lugar para eles, às obras que queiram ser uma sequencia do Evangelho.

Propositadamente guardei para hoje e para este lugar a reprodução do retábulo da nossa Capela. Ele é o índice. Se quizeres saber. Se quizeres procurar. Se queres penetrar no segredo da obra, vai ao índice. Segredo Divino! Quanto a mim, prostrado diante dos vinte mil leitores deste jornal, dou-me e confesso-me por um pecador.

A nossa tipografia

De Leiria, vem um senhor que deseja fazer parte dos 5.000. De Lisboa também, e envia 200\$. Este vale por dois. Outra vez de Lisboa. Um de Tomar, *enfileira-se devotamente na Legião*. Gosto do advérbio. Aonde houver devoção há necessariamente a realização. Outra vez Lisboa. Também se infileira um de Mangualde; é Uma! Vai de tudo nas fileiras. São legionários do Bem. Mais do Porto Uma. Uma senhora. *Faço votos para que nenhum assinante deixe de cumprir*, diz ela.

Mais um caminhante de Baltar. Mais na Cidade de Lisboa vem um senhor ter comigo a dizer que sim e quer valer por cinco: *Tome pr'a nossa tipografia*. De Castendo, enfileiram Dois. Um, entra no Dáfundo. A' passagem por Guimarães, junta-se mais Um. De Sarnes, falam Dois. Do Porto, Um diz que também. E de Montmór-o-Novo. E de Coimbra. E de Lamego. E das Caldas. E de Lousada. E de Penacova. E outra vez das Caldas. E' uma Legionária. E' Mãe. Dizem que se perdeu a cabeça da «Victória» do museu de Louvre. Está aqui a alma. Ora leiam:

Eu também quero ser dos 5.000 que dão para a Tipografia. Mas como não posso dar os 100\$00 duma só vez, vai por migalhas.

5 migalhas de 20\$00 que me comprometo a enviar, uma por mês, e ao fim de 5 meses está a minha dívida paga.

Se por qualquer feliz circunstância, eu puder liquidar antes de findar o prazo, fá-lo-ei gostosamente.

Não se canse de pedir, padre; há muito dinheiro nos cofres dos ricos, e se os pobres podem dar gotas do seu suor, os ricos têm o dever de dar o que lhes sobra.

UMA MÃE, AMIGA DA OBRA DA RUA.

E de Castanheira de Pera. E de Cinfães. E de Lisboa. E de Anadia. E de Lisboa, a dobrar. E de Paços de Ferreira. E do Fundão, a dobrar. E do Porto. E da Covilhã. E de algures. E de Seia. E da Figueira da Foz — *também quero sentir a alegria de contribuir*. Todas as cartas assim falam. E' a ebulição. Alegria? Que dizer da que sente o Senhor que lançou a ideia dos cinco mil — que dizer?! Mais de Famalicão. E de Lisboa. E de Lisboa. E do Porto — *uma humilde funcionária dos C. T. T.* Dá 50\$00. Dá do que precisa! Heróica! E da Senhora da Hora. E de Lisboa. E de Coimbra. E da Beira Baixa. E de Touro. E de Vizeu. E de Carrazêdo Montenegro. E de Lisboa. E de algures. E de Anadia. E do Porto. Se alguém, para o futuro, quizer saber o nome das terras de Portugal, — deixe o mapa. Não consulte o mapa. Mapas são papéis. Aqui sim. Aqui está o coração das terras de Portugal! Mais um da Rua de Santo António. O Fr. Diogo Crêspo ateimou e quer ser do rancho. De Rio Maior, também um se alistou. E um Lisboaeta que deu 3 cautelas! Levamos gente de todas as terras e vários gostos.

De Fornos d'Algodres, também. O mesmo se diz de Palmela. De Vila de Rei, chega um vale de correio e no sítio do nome do remetente lê-se *Um dos cinco mil*. De sorte que, hoje em dia, ser dos cinco mil, é ter um nome! Mais um do Porto. Dali perto, Ermezinde, vem um sacerdote. Levamos padres na coluna! E de Vila Real. E outra vez do Porto um que vale por dez. Do Lobito, outro da mesma sorte. E de Lisboa, juntaram-se em subscrição os da Casa Alvarez com 215\$00. E do Porto. E outra vez do Porto. E' uma cautela e a carta diz assim: *se não for premeado, conte com cem escudos para os cinco mil*. De sorte que este Tripeiro vai de qualquer maneira. Quer ser da coluna. E de Matozinhos. E um de Lisboa a meia razão. Isto não desqualifica. Estes ou estas, em regra, dão muito mais do que certos que parecem dar muito.

E Vouzela. E Vizeu. E Mangualde. E Lisboa. E Porto. E Tomar. E Cacia. E Gondomar. E Gondomar outra vez. E do Porto. E Duas de Coimbra. *Duas!* E de Loulé! E do Porto. E de Gaia.

E de Tomar, 20\$00; *um parafusito sem o qual a máquina não anda*. E um de Lisboa. E um da Murtosa. E cinco do Porto. Foi uma carta, entregue a um dos vendedores. *Era uma mulher meia pobre, que me deu a carta e disse olha que tu não percas*. E o vendedor não perdeu! Os tesoiros verdadeiros não se perdem!

NOTA DA QUINZENA

Eu estava no meu posto de vigia, quando entra pela porta dentro o Miguel do refeitório, acompanhado de um rapaz, chegado na maré. Tinha uns 14 anos de idade, bem trajado e bem parecido. Em uma cesta de vime, trazia um ananaz e restos de comida fina. Mandei-o sentar e dei-lhe a palavra. A primeira historia, foi mentirosa.

Percebia-se que era mentirosa. Mandei-o á cozinha tomar uma tijela de leite e que ao depois me tornasse a procurar. O rapaz assim fez. Agora, mais confortado e mais confiante, diz a verdade. Toda a verdade. Ele é de Lisboa. Vinha de Lisboa. Saira de lá ontem com o produto de uma cautela negociada em uma casa de penhores. Pelo jeito, ha casas de penhores que traficam com menores! Em Lisboa! Nas barbas de quem lá manda!

Vinha fugido aos pais. Tinha queixas dos pais. Estes vivem em uma casa e nela exploram um com rcio, que está por natureza fora do comercio... Por natureza, digo bem. Só por maldade dos homens é que se lhe chama assim. Chama-se e adota-se. Outra vêz a malícia dos homens. Adota-se e procura-se e o Estado põe o selo. Oh Malícia!

Telefonou-se para Lisboa. No dia seguinte aparece o desgraçado. E' um trabalhador do Barreiro, homem forte e sadio; outra desgraça. Mandei-o entrar. Sente-se. O desgraçado sentou-se. Prêguei-lhe Cristo. Cristo ressuscitado. Não sei até onde as minhas falas calaram. Nós não sabemos nada de nada. A justificação das almas é uma obra misteriosa, por ser totalmente uma obra de Deus.

Mandei chamar o filho. Ai vem ele na companhia do Avelino. A's lágrimas do pai, responde o fugitivo de olhos secos e semblante aborrecido; visivelmente aborrecido. Chega-se para ao pé de mim. Põe-se no bico dos pés e dá-me um beijo na face. O pai está. E' um trabalhador do Barreiro. Choraminga: meu filhinho! E o filho declara que ha-de tornar a fugir!

Quando o Pecado é vestido de tolerancia e de conveniencia e de regulamentos, atinge uma tal força, que pode desintegrar os filhos dos pais: Hei de tornar a fugir!

Coisas fóra do comercio, postas no comercio, dão nisto.

Eu escrevi. Acusei tudo ao Juiz de Menores de Lisboa e coloquei á sua disposição a Casa do Gaiato.



ATENÇÃO

Pede-se a todos quantos nos conhecem e verdadeiramente amam, o obsequio de não escreverem a pedir lugares; e se o fizerem, não esperem resposta.

Se o caso que apresentam é triste, muito pior é o doutros. Não esperem resposta nem se ofendam.

Isto vem para dizer que esteve hoje aqui uma senhora de algures com dois meninos, alegando que em vistas de eu não ter respondido á carta aonde pedia lugar para um, ela resolveu trazer dois! Ali estavam eles. E pronto. E deixou-os ficar.

O mais velho deles tinha uns 15 anos. Perguntei-lhe quem era aquela senhora:

— E' lá da terra.

— Ela que faz?

— Ela não faz nada. E' santa.

Claro está que como é santa, há-de dizê-las boas a outras santas, acerca da nossa organização. A missão de certos santos e de certas santas, é justamente falar do que ignoram.

Os dois rapazes tiveram de regressar.



Mesmo que as cinco notas se perdessem ficava a mulher meia pobre.

E ponto final, por hoje. Traduzindo em algarismos tudo quanto se tem dito, temos que:

| | |
|----------------------------|------------|
| Listas atrasadas | 10.600\$00 |
| Hoje | 10.400\$00 |
| Total | 21.000\$00 |

AQUI, LISBOA!

Este número de «O Gaiato», vai chegar às mãos de muitos dos nossos Amigos Lisboaetas, no dia de Natal. Apraz-me dar uma volta atrás, á folha de calendários, para recordar iguais do ano anterior.

Estávamos ainda em Coimbra. Enquanto na torre da Universidade, o relógio martelava as doze badaladas e se ouvia no mundo, através das emissoras, o hino angélico — uma centena de garotos das ruas de Coimbra, reunidos numa das nossas casas, entoava a mesma menságem aos homens de boa vontade. Pareciam os anjos vultando junto do presépio de Belém.

Depois das filhós e das rabanadas, os do lixo retiram para a Abegoaria, os ardinas para suas choças e os nossos recolheram ao val de lençóis.

Pouco durou o repouso. Era preciso equipar a caravana que, nesse mesmo dia, demandaria as márgens do Tejo, para a nova fundação. A azáfama durou o dia inteiro e meteu pela noite dentro.

O relógio voltava a bater as doze badaladas quando os cinco fundadores provenientes de Miranda, a que se juntaram mais cinco do Porto, desciam as calçadas de Coimbra, carregados de trouxas, a caminho do comboio.

Traziam ainda na alma as notas alegres do cántico do Natal. E, foi com essa menságem, que entravam em Lisboa, ao romper da manhã do dia 26.

Não vem agora para aqui as peripécias das primeiras horas de trabalho esgotante. Vamos apenas lançar um olhar por toda a cidade para inquirir dos progressos que fez e saber se em alguma coisa esta Casa concorreu para o progresso da Capital, durante o ano que se completa.

A estação do Rossio lavou a cara; a garganta do Arsenal descongestionou; Alfama apanhou um desbaste; subiu um andar o cinema de Saldanha e Alvalade recebeu os primeiros moradores.

Mais avenidas, mais prédios, mais automóveis, aviões e navios. Lisboa progrediu, sim, senhor!

Mas, tudo isso é nada. Lisboa não é uma aldeia com muitas casas. Os homens é que são a cidade e é aqui que desejamos encontrar o progresso.

Um dia, treze homens quedavam maravilhados perante as soberbas construções duma cidade cosmopolita. *Mestre olha para aquilo!* Observava um deles. E o Mestre retorquiu:—de toda aquela opulência, não restará pedra sobre pedra. Jerusalem, Jerusalem quantas vezes quis juntar teus filhos como a galinha, junta os pintainhos sob as suas asas... Não quiseste; os teus inimigos me vingarão.

A cidade cresceu, mas os seus habitantes retrocederam na prática do bem. Daí a ruína duma e doutros.

Felizmente não podemos dizer outro tanto da cidade de Lisboa.

Pretendemos reunir sob as asas da Justiça e da Caridade muitos dos seus filhos perdidos e conseguimos-lo; quizemos repartir-lhes o pão, e Lisboa ajudou; quizemos dar-lhe abrigo, carinho e educação e não temos razão de queixa.

Por intermédio dos *miraculados* pretendemos, em seguida, levar a Boa Nova a toda a parte e eis que encontramos á nossa disposição todas as alavancas da propaganda. Todos os microfones de Lisboa estão prontos a retransmitir a nossa voz; por nós falaram quasi todos os grandes diários; nos cinemas a vida espumante dos nossos Rapazes, galvanizou as plateias; nos púlpitos de todas as igrejas (excepto uma) foi prêgado o Evangelho sem *pingos de cera nem água benta*; nas ruas, nos cafés, nos correios e casas do comércio, o famoso distribuído periodicamente, tem levado no seio a verdade que os galatos traziam estampada no rôsto.

Lisboa reagiu, não podia deixar de ser, a menos que fôsse já um cadáver em putrefacção.

A alegria do bem que se fez, reconhecemo-la nós na frente dos nossos visitantes; nas muitas cartas que vem até nós, nos donativos pequenos e grandes que constantemente nos chegam, nas mensagens que nos trazem os vendedores do jornal.

Não; não perdemos o nosso tempo.

Cremos ter feito algum bem á cidade de Lisboa, sem nos tornarmos pesados.

A capital progrediu. Graças á Providência e a quem de tão bom coração nos ajudou.

E' com os sentimentos de infinita gratidão que, pela primeira vez, vamos entoar o hino dos anjos, nas ruínas da nossa igreja, nesta Noite de Natal.

P.º ADRIANO

Do que nós necessitamos

Esta coluna anda agora a sofrer as consequências da tipografia. Tudo foge para os cinco mil. Todos menos o *Dr. Zéquina*. Esse não. Esse cá está com os 50\$00 do costume. Mais de Loriga um fardo de retalhos. Mais 500\$00 do Porto. Mais 60\$00 da Rua Almirante Leote de Rego. Mais de Valença 1.500\$00 por alma de minha Mãe. Mais de Lisboa 50\$00. Mais roupas de Tomar. Mais de Cantanhede chita e colheres. Mais a oferta de 6 leitos completos. Mais castanhas. Castanhas do Douro. Uma tonelada d'elas. Oh! merendas!

Mais da rua Egas Moniz 60\$00. Mais no *Depósito* uma pancadaria de embrulhos de roupas em segunda mão, e também camisolas de algodão em folha. De Algés, roupas que foram de um rapaz são. Gosto da legenda. Toda a roupa usada, costuma trazer esta marca. Chegou uma senha de Loriga, tendo ficado a mercadoria na estação do Porto. Os recados ferviam. Era já e logo. Todos quantos vinham para estes sítios traziam a comunicação: tanto nos ama o Pessoal da C. P.! Pois chegou. Foi-se a abrir: oh! espanto! Eu tinha que Loriga não fabricava senão estampanha. Pois nunca recebemos fazenda tão fina! Eram uns seis cortes. Mais roupas de Alpedrinha. Mais ditas de Pontével. Mais de algures duas canetas. *Uma para o Piriquito o deixar em paz e a outra para o secretário virar o bico*. Chama-se a isto uma participação dos leitores na vida da nossa aldeia. Mais do Porto um cheque de 500\$ e boas festas. Mais de Angola 500\$ por cheque e cem em uma nota do Ultramarino, da qual saíram dez escudos para o cambista e noventa para a gente. Mais de Vizeu uma tarifa de medicamentos. Mais 20\$ para a do feixe da lenha. Esteve muito doente a do feixe da lenha. O primeiro passeio foi aqui. Quem dá é amigo. Ela procura os amigos.—Falamos e falamos e falamos. Gosto de conversar com os Pobres. Gosto de aprender. Nada frívolo; nada vulgar na boca dos verdadeiros pobres.

O seu recado, ao querer visitar-me, é cheio de beleza! Achava-se melhor. *Olhe*. E mostrava as carnes mais cheias. *E' o leite. Tem sido o leite*. Mas há nela um escrúpulo magestoso. *Eu já remedeio sem ele*. E era justamente isto que ela vinha comunicar. A suspensão. *Tem cá tantos meninos...*

A nossa conversa continua. Eu tenho fome e sede de falar com as almas simples. Preciso.

Morreu-lhe a cabra que ela tinha enquanto esteve doente. Não lhe disseram nada, por doente, e depois que o soube, tornou a adoecer! *Cai outra vez na cama*. Era a sua riqueza. Com ela ia à lenha, a fiar na roca! *E agora não tenho nada*.

Limpa os olhos com um lenço que traz. São lágrimas. Põe um semblante misterioso de fortaleza e suavidade. Eu estou ao pé e oiço: *Bendito seja o Senhor!*

Isto era na sala fundeira da casa mãe. Avenida acima, vem o nosso carro pequeno, puxado por dois toirinhos. Vinha da estação de Cete. Eu tinha estado a semana passada em Lisboa, e ali vinha o bacalhau; três fardos dele. Natal à porta. Bacalhau com fatura. Uma voz quente e verdadeira: *E agora não tenho nada*. Oh encontros! Oh circunstâncias! Oh ocasiões divinas! Não há ninguém ninguém ninguém que vos mereça! Agora também eu digo: *Bendito seja o Senhor!*

Estavamos na despedida. A do feixe não acreditava, enquanto tomava o peso e mirava a qualidade. Tal a alegria de levar para casa o bacalhau da festa! Mais uma palavra. Mais uma palavrinha. Ela queria saber do leite. *Eu agora já estou melhor*.

Eu tenho medo destes gigantes. Gostaria de sentir; de amar; de ser totalmente como eles são! Tenho medo de ser vulgar, ao falar-lhes. E ela estava ali. Ela queria que eu lhe dissesse como havia de ser do leite: *Tem cá tantos meninos!*

Pois sim, temos, disse eu; mas olhe que nem todos gostam e as vacas dão tanto! Ela escuta. Faz uma pausa. De novo toma a palavra. Quer saber se pode dar dele. *E' o meu neto. Um nadinha. Um nadinha dele*.

O neto veio ao mundo como ilegítimo e assim está nos registos—mas a avó não o é. *Deixe-me dar um nadinha ó meu netinho!*

Mais do Porto dois mil escudos. Mais uma caixa de vinho fino. Mais 30\$00 dos *Caraunhas*. Mais 30\$00 do Porto. Mais 2 peças de tecidos. Mais duas idem, tudo do Porto. Outra vez do Porto 500\$00. Ainda do Porto vinte mil escudos. Ai Porto,—quem há mais tempo te conhecerá! Talheres. Sim senhor. Há tempos, cinquenta deles, da Fábrica, com o nosso nome gravado. Hoje,

mais uma dúzia, da Fábrica. Viva o berço de Afonso Henriques!

Também de uma caixa de medicamentos de Vizeu, retiramos uma dúzia de soberbas colheres e no Depósito estava uma data de garfos também soberbos. Sim senhor! E o *Depósito*! E o que se entrega no *Depósito*, a que eu chamaria a Fonte dos Amores, se não fôra o receio de me terem por poeta! Sim, digo bem; *Fonte dos Amores*, pelas mensagens que se retiram dos pacotes: *Feito novo de coisas velhas*. Não há poeta que nos fale assim, embora cada um consoante o que encerra. Mais 100\$ do Porto, mais 20\$ de Safara, mais 50\$ de Leixões, mais 20\$ de Lisboa. Mais uma tremenda pancadaria de metros de chita. Mais do Porto 400\$00. Mais 2 sacos de figos do Douro. Mais 500\$00 do Estoril. Mais 300\$ de Lisboa. Mais mil escudos. Mais 20\$ do Porto. Mais 100\$00 do Porto. E idem idem. Mais 50\$ idem. Mais idem.

Mais uma data de cobertores de algodão, que nos vieram aqui entregar. Que jeito! Mas nós precisamos de mais. De muitos. São duzentas camas. Que outros senhores se apressem. E escovas de dentes. O *Santa*, chefe da Casa I, levou-me ontem nove delas. Ficamos sem nada. Era tudo quanto tínhamos. Escovas de dentes fazem cá ótimo serviço. Além de lavar, obrigam a muita coisa. Exemplo: Há um que pede ou espera algo. Sem me falar. *Mostra os dentes*. Estão sujos? Vai com as mãos vazias. Estão lavados? Cheias. Até o *Faisca* esteve em risco de não ir passar o Natal a casa da mãe, por causa dos dentes...

Mais do Porto cinco contos. Mais outra vez do Porto outro tanto. *Uma pessoa que não*

Continua na última página

De como foi o nosso Natal e do mais que aqui se refere

Foi o Altar. Primeiramente o Altar. A nossa obra vive do Altar. Começou-se no Advento, com duas palavras todas as noites, no Altar. Acabou com a missa da meia noite. Os nossos rapazes estavam preparados para ela. Tinham ouvido falar; a Fé entra pelos ouvidos.

Depois, café, bolos e foguetes. Três fogueteiros simultâneos; o Armando, o Rio Tinto mai-lo Sérgio. O da bola. O das disputas. Foi o que botou mais foguetes. Em tudo é despachado.

O presépio, está um amor. Os nossos, todas as idades, cançam a vista. A' segunda missa, estando eu em oração, entram alguns dos mais apaixonados, todos de mãos ocupadas. Canas. Canas de foguetes! Eu deixei. Tudo quanto não seja pecado, é de louvar. Louvar a Deus.

Em segundo lugar vem o senhor Alvarez. A Casa Alvarez, Limitada, da rua Augusta. Ela forneceu e ela alimenta o nosso cinema. Desta vez foi um programa de nove fitas! O mundo tem passado aqui na aldeia, em deliciosos e famosos documentários. Não se acredita! Não há palavras! O Avelino é hoje o idolo da aldeia, por ser o operador.

Todos andam com ele nas palminhas. Basta ele mostrar um qualquer desejo, abrir a boquinha e logo vem o sim da malta!

Ora tudo isto vem da Casa Alvarez. Se alguém, precisando, compra em outra casa, esse compra mal. A outra porta que fôr, não atinou.

O Camilo da Póvoa, veio consoar mais nós. O Amadeu da Covilhã, também pediu, mas não chegou a tempo. O Luís de Coimbra, esteve. Todos rapazes que foram... e são da Obra.

E mais e mais e mais, sim, — porém o espaço nos abarca. Até ao próximo, se faz favor.

Uma comunicaçãozinha

Se alguém diz ou ouve dizer que chamada empresa produtora do filme « Não há rapazes maus » tem dado a guma coisa à Casa do Gaiato, não dizem nem ouve a verdade. E pudera tê-lo feito, porque isso estava no meu pensamento. Estava no desejo dos Portugueses. E também estava em uma promessa! Estava, sim. Mas que todo o homem é por natureza frágil e se o interesse lhe embarra, quebra com incrível facilidade! Foi o que aconteceu.

Ele era mais elegante calar; mais cristão. E sobretudo elegantíssimo não haver fundamento para falar. Era sim senhor. «Porem» os meus Rapazes do Lar do Porto têm sido congratulados nas casas onde trabalham e por onde quer que passam. «Muito bem. P.º Américo apanhou a primeira noite no Coliseu, Casa cheia Bilhetes especiais. Muito bem.» E os meus rapazes, ouvindo isto, querem naturalmente saber quanto deu a noitada.

Ora vão agora sabê-lo. Eles e todos:

«Como sabe, a receita da primeira noite, deveria pertencer-lhe.» Aquele «deveria pertencer-lhe», quer dizer que não pertenceu.

Manchas. Rocha Brito do Coliseu não sabia das manchas.

O NOSSO MORRIS

Ao dobrar os trinta mil, vem a primeira intervenção da Policia das Estradas. Foi de noite, ao pé de Aveiro. *Pare lá*. Parou-se. Era não sei que nos faróis. Receberam-se instruções de afinar as luzes e dentro de uma semana apresentar-se a gente no Pósto X. Assim se fez.

Gosto de obedecer á autoridade constituída nem que seja uma tranca.

Eu ando agora muito nas estradas, desde que fiquei sem o meu rico passe. Trinta mil quilómetros, — e nunca dei um passeio no Morris. Também nunca dei um passeio nos comboios e mais fiz milhares e milhares de quilómetros!

Muito pesa a consciência de Dever! Pois ando agora muito pelas estradas, sim senhor, e vou aqui dizer uma coisa que por lá observo:

Eu vou no Morris. Ao pé, vai o motorista. Aparece um veiculo em sentido contrário e abre os faróis. Isto agora. Isto logo. Até que há dias deu-me na curiosidade e perguntei ao motorista. *São os canários*, disse ele. Pedi mais explicações e obtive-as. E' assim: Está um Policia das Estradas, na berma, em observação. Passa por êle um automóvel ou uma caminheta e que resolve o motorista? Desata num aviso cerrado e continuo a todos os carros que topa em direcção ao lugar do perigo.

O avisado, à passagem do avisador, saúda-o. Atraza a marcha e ao passar junto da autoridade, vai em pésinhos de veludo... Ninguém como êle cumpre...

Uma vez fôra das vistas da Policia carregada no prégo e começa a fazer aos outros o que lhe fizeram a êle:

Olha os canários. Solidários no mal. Dá pena. Assim se brinca com a vida do semelhante!

Não devia haver a necessidade da Policia, quanto mais o êro de os evitar.

Lêde e propagai
"O GAIATO"

Visado pela Comissão de Censura

Isto é a Casa do Gaiato

O nosso Presépio. A estrutura, foi confiada aos carpinteirinhos Vieira e Joaquim. Saíram-se muito bem. Foi ao gosto deles, que é sempre o melhor. O ornamento, ao Armando. O Armando, é o nosso enfermeiro. Por duas vezes, tive de interromper os meus trabalhos para ir vê-lo, a capela, como estava tudo lindo. *Venha vê-lo. Ande daí.*

Agora, mais uma terceira. — Olha que eu não posso. Vou lá depois.

— Venha agora. E' uma coisa. Larguei os meus trabalhos e fui ver a coisa.

Era uma fogueira. Uma lampada envolta num papel vermelho dava o rubro. Por cima, um monte de cavacas. Ao pé, um pastor a aquecer-se. *E' uma fogueira.*

Vi. Gabei muito e regressi aos meus trabalhos. Eu tenho de trabalhar; de fazer alguma coisinha, enquanto é tempo. Vem a noite, quando ninguém pode trabalhar!

Nova visita do Armando. Uma súplica. Agora é que é uma coisa! *Venha daí!* E eu fui. Eu vou. Felizes os que servem por amor.

Era neve. Flocos de algodão suspensos dos ramos e das folhas. *Olhe neve.*

Tudo isto faz com que eu nunca venha a ser um escritor. Não me posso apurar, por muito interrompido. Gostaria de brilhar; ser proposto para um prémiosinho... Como posso eu?! Tudo vem aqui bater ó meu gabinete de trabalho, e adeus gramatical!

O *Piriquito* acabou. Foi em tribunal. Fez-se um tribunal de propósito para este acontecimento. Agora é o Moreira. O António Moreira. Deu-se uma semana de tolerância, por

causa da velocidade adquirida, mas passada ela, é considerado como falta grave chamar *Piriquito* ó Moreira. O tribunal escutou, reverente, e no fim desata a dar palmas ó Moreira.

Foi no ultimo dia de venda. *Xancaxé* é um dos azes da venda. Estava no Lar do Porto quando se deu a matéria de uma grave acusação que ele aqui me fez. *Ei-la: O Piólho foi de manhãzinha á cama d'ele, roubou-lhe o sobretudo e foi vender para Braga.*

NORBERTO também me trouxe hoje uma queixa, se bem que de outra natureza. O rapaz bufava, de bravo. Eu transcrevo: *Fui botar ossos á casota dos cães e o Marão começou a comer e o Nero também e não deixaram comer o Top e deram-lhe muitas ferradelas e eu tive de o tirar de lá.*

A creança mostra a sua indignação, enquanto relata: *O Top é velho; é fraco, e os grandes ferram-lhe. Não o deixam comer.*

Eu escutei a creança. Amei a sua justa indignação. São pedras da rua que se levantam. E' o perigo social denunciado pela Inocência. E' a desgraça. Os homens aprendem com os cães! *Deram-lhe muitas ferradelas.*

OS dois doutores de Coimbra, vieram cá passar as férias do Natal. Zé Eduardo é um dos dois.

Muito crescido muito bem falante, cuidava eu que era outro, mas não. Ele é ainda o Zé Eduardo. Mal chega, pede-me um pião. *Um piãosinho ande lá.* E eu dei-lhe um pião.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

1 Agora sim! Já chegamos aos mil! Até aqui avançamos pouco, mas agora somos uns valentes.

A primeira vez que passamos dos mil foi com a ajuda das Caldas. Também vendemos alguns nos cinemas onde se encontra o filme que o povo diz que é da nossa obra. Já o vi por três vezes e ainda não sei ao certo do que trata. Sei apenas que se trata do princípio da obra e do fim do pai Américo. O princípio não está lá muito bem e o fim só Deus o sabe!

Mas parece-me que o nosso querido pai Américo não se afastará de nós sem que Deus o chame. Se ele antes de ser sacerdote já andava á nossa procura, agora não nos deixará sem deixar o mundo. Mas voltemos ao princípio, á venda do famoso.

O nosso desejo é chegar aos dois mil para igualarmos com o Porto. Já não falta muito, vamos em mil e trezentos.

A primeira vez que fomos ao Odeon vendemos 200 e trouxemos 700 dele; para o Palácio foram 70 jornais e vieram 300 e pico.

No fim apareceu um senhor que se ofereceu para nos trazer a casa no seu automóvel.

2 Um Natal muito feliz! Na véspera já nós sentíamos a alegria quando andávamos a limpar a igreja para se celebrar a missa do galo. Depois quando estávamos a fazer o presépio, como o pai do Chaves é electricista foi ele que arranjou as lâmpadas e pôs lá a electricidade. Quem lá mexer apanha um choque.

Chegou a meia-noite. Foguetes, sinos, órgão, sineta, música, etc..

A igreja estava cheia no princípio mas acabou por nem meia estar. Sábado, visitas e mais visitas, embrulhos e mais embrulhos.

Era um nunca acabar de roupas, bolos, rebuçados, brinquedos e donativos.

Este Natal foi o primeiro que cá passamos e graças a Deus tudo correu bem.

Na tarde do dia do Natal foram a casa uns quinze rapazes. Um deles quando soube que o Natal cá se passou bem disse: — pois eu em minha casa só comi um bolito, e foi uma vizinha que mo deu.

3 Como o pai Américo estava triste quando lhe ficaram com o passe, assim estamos nós. Tínhamos um passe da empresa das camionetes que passam pelo Tojal, que dava direito a um portador para viajar de graça quando fosse vender o jornal «o gaiato». Acabou no dia 31, fim do ano, agora vamos a ver se vem outro. Isso é que era bom!

4 Nestes últimos dias tem-nos dado muitas coisas. Da repartição do café, dois sacos dele, mais de açúcar, arroz, batatas e roupas dum colégio, mais da secção do bacalhau três fardos, mais um presépio, mais uns poucos de senhores a entrarem no cinco mil com 100\$00, mais do Montepio, roupas, sapatos, bolos e donativos, vales e cheques, tudo de Lisboa! Isto é o que recebemos, mas muito mais é o que gastamos.

Todas as semanas os operários recebem a passar de dois contos.

Mais para o tractor que andou a lavar a nossa quinta, mais para os limpadores das oliveiras, mais ferros para portões, mais para as sementes e ainda as despesas da casa em géneros e roupas, tudo se vai num instante. Nós já somos mais de que 50 e temos de arranjar a nossa quinta para podermos meter mais rapazes.

JOÃO PEDRO.

Crónica da Nossa Aldeia

O nosso Natal correu muito bem. Houve cinema, foguetes, Missa do Galo, tudo do bom e do melhor.

Já tudo tinha saído das suas obrigações. Sim, porque nós despegamos mais cedo nesse dia que nós tanto o esperavamos. Como não tínhamos para onde ir, antes do terço, fomos ver cinema. Chegou-se á hora do terço lá estavam todos, alguns com as suas roupas dos domingos.

Acabado o terço entramos para o refeitório e aí regalámo-nos com um belo prato de batatas com bacalhau com tronchudas da nossa quinta e uma caneca de vinho. A sobre-mesa foi de aletria, um pires cheio dela, e foi comer até não crer mais.

Acabada a ceia fomos para o nosso salão e aí alguns dos nossos rapazes estiveram a recitar umas pequenas coisas que meteram muita graça.

A seguir vimos as fitas de cinema que se tinham mandado vir do Sr. J. C. Alvarez Lda e que eram muito bonitas. Quando demos por ela estava o salão cheio de pessoas da freguesia, estava á pinha. Chegou depois a hora tão desejada que nós a esperavamos. Chegou a meia noite. O Pai Américo no altar e nós a assistir á missa. Chegou depois o desejo intimo de alguns dos nossos rapazes e para esses é que foi o verdadeiro Natal. Acabada a Missa foram foguetes e mais foguetes ao ar, e depois fomos beber café com borainhas de Coimbra, que o Inácio trouxe. Depois fomos para a cama onde nós dormimos até às nove do outro dia. Chegou o meu dia de Sábado. Seis perús que tinham dado a vida para nós nos regalarmos com a sua carne que tão boa era e com arroz isso então é que era bom. Depois mais aletria e vinho do Porto de caixas que nos tinham oferecido. E assim acabou o Natal que foi muito bom para nós todos e esperamos pelo Ano Novo haver o que se conta com a entrada do Ano Novo e com a saída do Velho.

2 Temos a agradecer aos Senhores que nos mandaram selos mas foram muito poucos, foi como uma gota no Atlântico porque nós somos três filatelistas. Era muito bom se nos mandassem um ou dois Albus visto um é que tem Album. Vamos a ver se temos mais sorte do que a quinzena passada.

3 O que está encarregado da biblioteca pediu-me para eu pôr no jornal para ver se os senhores davam alguns livrinhos velhos ou novos para a nossa biblioteca.

Notícias dos nossos irmãos

Tornei aos *hotéis* do Barredo. Há por ali muito que ver e muito mais que fazer. Vistas nossas. Trabalhos nossos. Nem a todos é dado o *Talento* da cura do Pobre. Pois andei por lá sim senhor. Subi. Havia soluços. *Acabou agora mesmo!* Era a Mãe. Mal me vê, sai de ao pé da morta e vem direitinha a mim: *Estava-me a lembrar de si; o caixaó!*

Em redor estão creanças; é um *hotel!* Algumas delas choram: *Ela não tem pró caixaó.* Despedi-me da dorida. Já na rua, olho e dou fé de creanças atraz de mim. A rua é a pique. Subo de vagar; ando cansado... As creanças seguem no meu passo a olhar, a medir, a reparar. Eu era estranho! Nisto, vejo que uma delas toma a dianteira, embarga-me a dizer: *deixe-me dar-lhe um beijinho.*

Eu parei, desvanecido. Reconheci ser uma das que estiveram ao pé da mãe chorosa. Curvo-me para lhe dar a face. Não. Não era a face que a creança pretendia beijar. *Deixe-me beijar-lhe esta mão.* Tão pouco era qualquer das mãos, mas sim a que deu o dinheiro para o caixaó. *Esta mão.* A creança põe o pronome. Demonstra. Ela estava presente. Quer beijar *aquela* mão. E beijou.

Unção divina, na mão de um pecador! O dinheiro sujo e iniquo, a fazer amigos,—e que amigos! O Evangelho prégado nas velas do Barrêdo!

Do que nós necessitamos

Continuação da página anterior

conheceis, envia esta humilde oferta. Toda a carta é um gemido divino de uma alma que diz não ter fé. Ainda bem que chora. Chora por Quem *ainda* não conhece... Chora, sim, porquanto as coisas do mundo, suas conhecidas, caem no vazio da sua alma.

O mundo quer, deseja, suspira. E não encontra. Só Jesus de Nazaré tem palavras de vida eterna! Mais 20\$00 do Porto. Mais uma caixa dele; de Vinho do Porto. Mais um *mande buscar 30 pares de peugas.* Oh palavra! Elas são o luxo e a cobiça da aldeia. Mais 20\$00. Mais 100\$00 do Lobito.

E' o Joanico que manda. Mais 50\$00 da Figueira. Mais da Areosa roupas. Mais destas para o *Príncipe*, de Torres Novas. Mais mil escudos do Porto. Tem sido assim todos os anos. E' de um Arlindo: mais 50\$00. Mais 100\$00 de Castendo. Mais encomendas, postais de S. José, de Torres Novas, de Lisboa, de Tentugal, de S. João da Madeira e de Vila Fernando.

Ditosos olhos, os dos empregados dos C. T. T.! Tantas coisas, tanto dinheiro que andava por lá perdido, assim como as almas que nós abrigamos; e hoje, por elas, vem tudo. Vem tudo, sim, em cartas e em pacotes. Os empregados das ambulâncias são testemunhas. Ditosos olhos!

Maneira singular de pedir! Quem não souber, pela epigrafe desta coluna, vai procurar o que nós necessitamos e toma conta do que nós recebemos!! Paradoxo... divino!

Dar é criar. Parece que pedimos e assim é no rótulo, mas dentro é doutra maneira. Quem nos lê, quer dar. E tem pena se não dá. Creou-se algo na sua alma: a doçura de ter. Ontem, na cidade do Porto, um fabricante ficou com pena, quando lhe disse que não. *Desse artigo, temos.*

—Mas então que posso eu dar?

—Que mais fabrica?

—Peugas.

—Mande peugas.

Algo de novo entrou no âniomadaquele fabricante; o desejo de dar!

Resisti. Tenho resistido á tentação dos conselhos, aliás sinceros, de esconder o que me dão, para que me deem mais. Não aceito. A minha missão é dar. E' criar.

Mais na Capela das Almas, dois contos e meio á missa das doze. Mais na Igreja da Conceição, 8 contos. Mais 300\$00 da Câmara dos Corretores do Porto.

P. S.— Sim senhor; recebemos o relógio. Aqui chega tudo sem novidade. Nada se perde no caminho.